



VIII Congresso da Sociedade Brasileira de Sistemas de Produção

Agricultura Familiar: Crise Alimentar e Mudanças Climáticas Globais

23 a 25 de Junho de 2010

ANAIS

Realização:



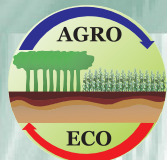
Conselho Nacional de Desenvolvimento
Científico e Tecnológico



Cocais e Planícies Inundáveis
Meio-Norte
Agroindústria Tropical
Cerrados



Realizando a Qualidade



Banco do
Nordeste



Congresso da Sociedade Brasileira de Sistemas de Produção (8.: 2010: São Luís,MA).

Anais do VIII Congresso da Sociedade Brasileira de Sistemas de Produção/UEMA, Mestrado em Agroecologia: EMBRAPA. – São Luís: UEMA, 2010.

1 CD-ROM

ISBN: 978-85-86036-57-6

1. Metodologias inovadoras. 2. Sistemas de produção. 3. Recursos naturais. 4. Extrativismo. 5. Desenvolvimento territorial

CDU: 631.151 (063)



EXTRATIVISMO E CONSUMO DA MANGABA EM BARRA DOS COQUEIROS/SERGIPE¹

Jane Velma dos Santos Brito, Bióloga, Mestre em Agroecossistemas, Secretária de Meio Ambiente e Agricultura de Barra dos Coqueiros / SE, Rua S, nº 38, Conj. Prisco Viana, Barra dos Coqueiros – SE, CEP 49140-000, E-mail: janelvelma@hotmail.com; **Dalva Maria da Mota**, Socióloga, D.Sc., Pesquisadora da Embrapa Amazônia Oriental, dalva@cpatu.embrapa.br; **José Franco de Azevedo**, Economista, Mestre em Agroecossistemas, Pesquisador do IFS - Campus São Cristovão, E-mail: franco@eafsc.gov.br; **Juciara Torres Franco**, Bióloga, Mestre em Agroecossistemas, Professora da rede de ensino do estado de Sergipe, E-mail: jucitorres@gmail.com

Introdução

Nos últimos anos, uma nova tendência tem mobilizado os mercados nacional e internacional, o aumento da demanda de consumidores (exigentes e preocupados com hábitos saudáveis) por produtos naturais e exóticos (MOTA, 2005). A mangaba é uma das frutas que devido ao seu excelente aroma e sabor tem ocupado um espaço no mercado de consumo e atendido demandas que até então não existiam. Utilizada cada vez mais para a fabricação de polpas congeladas, sucos e sorvetes, além do consumo “in natura” em outras regiões do país, tem sido muito utilizada no fabrico de xaropes, licor, doces, compotas e geléias.

Em Barra dos Coqueiros, a mangabeira é de ocorrência natural em todo o município, mas predomina geograficamente nos povoados Olhos D’água, Capoã, e Jatobá. Nesses povoados a ação das populações extrativistas contribuiu para o aumento do número de plantas nos estabelecimentos privados, e na área de acesso comum a densidade foi elevada pelo processo natural de regeneração do ambiente. Considerando esse contexto, o presente trabalho objetiva fazer uma caracterização do extrativismo no município, desde o momento da coleta da fruta até a sua comercialização, destacando os atores de pesquisa – as catadoras de mangaba – bem como os canais de comercialização e os consumidores.

Material e Métodos

A pesquisa foi realizada no município de Barra dos Coqueiros², nos povoados Olhos D’água, Capoã e Jatobá, nos quais o extrativismo da mangaba é significativa fonte de renda. A metodologia de pesquisa consta de uma diversidade de procedimentos que visam analisar tanto qualitativa quanto quantitativamente processos e atores através do uso de instrumentos como entrevistas tipo questionários e semi-estruturadas, observação participante e caminhadas transversais.

Os dados foram analisados centrando-se nas características dos processos e atores envolvidos – as catadoras de mangaba – e nos conhecimentos por elas apresentados. A análise dos dados obtidos via questionários foi realizada através de uma planilha estatística especificamente desenvolvida a partir do programa Excel.

¹ Pesquisa financiada pelo CNPq

² Município localizado na região leste de Sergipe Quinto maior produtor de mangaba de Sergipe. Sua localização é definida pela latitude 10°50'41" S e longitude 36°55'07" W; e sua jurisdição compreende a costa do Estado de Sergipe, desde a extremidade N da foz do rio Sergipe até a divisa com o município de Pirambu através do Rio Japarutuba. A distância da capital Aracaju é de 1 Km e as atividades econômicas desenvolvidas são a agricultura, a pesca e o turismo.



Resultados e Discussão

O Mapa do extrativismo no município de Barra dos Coqueiros

a) Perfil dos atores da pesquisa

O extrativismo da mangaba é uma atividade que, mesmo com o aumento na participação de homens e até crianças nos últimos anos face a valorização da fruta, conta com a predominância das mulheres (80%) que tem concentrado socialmente no extrativismo suas tarefas. Nos três povoados estudados, as catadoras são predominantes mulheres mães de família³ e crianças, que estão numa faixa etária média de quarenta anos, e se autodenominam como catadoras de mangaba e são produtoras de saberes e formas de manejo a elas pertinentes (CASTRO, 1997), além de responsáveis pela gestão coletiva de áreas remanescentes de mangabeira. Apesar da predominância das mulheres na atividade, 62% delas não se caracterizam como chefes de família. Sendo essa condição designada aos homens, que apesar de muitas vezes ter uma renda relativamente inferior a da mulher, figura o papel, a partir de construções sociais, de provedor da família.

b) A importância do extrativismo na renda familiar

Pode-se constatar com base na pesquisa que o extrativismo, dentro do conjunto de atividades desenvolvidas pelo grupo familiar, é uma atividade extremamente relevante diante das demais culturas por constituir 63% da renda. O dado apresentado rompe tradicionalmente com a análise que atribuía à agricultura a condição de atividade principal, representada na região pela cultura do coco e das roças de maxixe e quiabo, o maior índice na constituição do patrimônio familiar. Independente do regime de propriedade em questão os dados mostram que a mangaba é uma significativa fonte de renda, possivelmente por não apresentar custos na produção (DRUMMOND, 2002). Como o extrativismo é uma atividade sazonal, a combinação de diferentes atividades é uma alternativa para suprir as necessidades, sendo que alternância mangaba/mangue é muito comum, e o extrativismo de produtos do manguezal é uma importante fonte de subsistência (MOTA; SILVA JÚNIOR, 2003; MOTA; SANTOS, 2005).

c) A colheita do fruto: hora, práticas e divisão do trabalho

A colheita é feita a partir do amanhecer, por volta do meio-dia e ao entardecer. Nas visitas aos pés, catam os frutos que caíram no chão (mangaba de caída) e retiram com um gancho os frutos que se encontram de vez. A divisão do trabalho existe em todos os povoados, mas em Capão as mulheres assumem uma condição de destaque, pois são em sua maioria, responsáveis pela coleta, encapotamento e comercialização do produto. Os homens cuidam da agricultura e raramente coletam a mangaba. Para as catadoras, eles não têm talento para lidar com a delicadeza da fruta que estraga se não for bem manuseada. As crianças participam de todo o processo. São as mulheres que assumem como sua responsabilidade a conservação dos campos, tema que aprofundaremos em outra ocasião.

³ Com idades entre 40 a 60 anos.



d) A disputa pelo uso dos recursos e a comercialização

Em se tratando do extrativismo da mangaba ou de qualquer atividade produtiva no espaço rural, para Cavalcanti (1999, p.155), é visível que as novas condições de mercados se imponham sobre comunidades locais ou suas populações. Segundo Mota, Schmitz e Silva Júnior (2006) o que pode variar, ao longo do tempo ou territorialmente, são as configurações que se tecem. O uso dos recursos é uma fonte de análise do comportamento das populações tradicionais e dos conflitos existentes a ação dos homens e mulheres “intermediários” que, frente à valorização dos produtos, disputam o controle dos recursos e da comercialização.

De um modo geral, as formas de acesso das mulheres, aos remanescentes de mangabeiras, dão-se de três formas: em terras próprias, pelo sistema de meia e uso de áreas comuns. Dentre elas a mais utilizada é a de acesso comum realizada por 39% dos entrevistados. Essas formas, segundo Santos e Mota (2006), são determinantes nas estratégias de conservação. Na verdade o tipo de acesso caracteriza a técnica de manejo utilizada e evidencia certa fragilização das comunidades, diante da crescente valorização da mangaba no mercado de frutas frescas e exóticas.

Se por um lado, a forma de acesso aos remanescentes de mangabeiras implica na qualidade das relações que se desenvolvem localmente e no domínio de práticas e saberes, por outro, influencia nas estratégias de comercialização que são colocadas em prática e que condicionam maior ou menor ganhos. Ou seja, tanto influencia com quem e o tipo de relação que as catadoras manterão em redes de comercialização, como na renda que acumularão no decorrer do processo. Devido ao fato da fruta ser perecível e nas épocas de safra o escoamento está limitado ao mercado local, a comercialização da mangaba conta com a participação de alguns atores: catadoras, consumidores, feirantes locais e externos. A venda a diferentes compradores é uma estratégia para diminuir a vulnerabilidade, ou seja, se uma via falha, a outra funciona. Nesse caso, quatro canais viabilizam o destino da mangaba, diretamente ao consumidor, a comerciantes no local onde vive, comerciantes externos e diretamente na feira. Quando a oferta ainda não está no auge e a fruta ainda é relativamente rara, as catadoras preferem vender diretamente aos consumidores por ser mais lucrativo. Em todos os casos, a decisão a quem vender depende muito do que é observado no momento de chegada aos pontos de comercialização, aprendizado resultante da experiência. No período de safra a travessia da mangaba para a comercialização da fruta ocorre três vezes a quatro vezes na semana.

As catadoras dominam todas as fases do extrativismo e da pós-colheita da mangaba, devido a uma riqueza cada vez maior de detalhes no trato com a fruta, o que facilita às mesmas o domínio sobre todas as etapas, comportando-se de modo flexível para lograr maior valorização possível do seu trabalho. E apesar do aumento da demanda, as mesmas continuam a frente de todas as etapas do extrativismo, desde o cuidado com as plantas até a comercialização, principalmente, nas feiras e mercados e as mesmas demonstram estar dispostas a garantir por muito tempo a sua presença nesses espaços.

e) A venda: mercado cada vez mais promissor

Ao analisarmos o perfil dos consumidores de mangaba, foi possível constatar que a atividade atende a uma demanda de consumidores provenientes de diversas áreas sejam urbanas



VIII CONGRESSO DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE SISTEMAS DE PRODUÇÃO

Agricultura Familiar: Crise Alimentar e Mudanças Climáticas Globais

e/ou rurais. Mas, apesar de o extrativismo ser uma atividade que envolve grupos humanos frágeis⁴ e de baixa condição financeira, a sua produção está voltada para o atendimento a uma demanda de grupos com alto poder aquisitivo (45%), acompanhado da classe média (36%) e por último, pobres (19%).

Isso ocorre porque nos últimos anos a mangaba ganhou destaque em espaços não convencionais de comercialização e esse destaque tem aquecido as vendas que se dão pelas próprias catadoras ou por intermediários. No primeiro caso, a medida volumétrica utilizada para se vender o fruto são baldes de cinco litros e cestos apenas nos casos em que a mangaba “de caída” é em menor quantidade. O valor da medida varia de acordo com o tipo de mangaba a ser vendida. Se for mangaba “de caída”, o balde custa em torno de doze reais e se for mangaba “de capota” custa entre seis a oito reais. O preço depende da disponibilidade do fruto. O faturamento diário depende da quantidade de medidas vendidas no dia e do tipo da mangaba em questão. A elevada oferta do fruto gera a queda no preço, que se reduz à metade, em decorrência do mesmo ser altamente perecível e não poder ser armazenado. Muitas vezes, o consumidor determina o preço do produto. A venda é realizada, em sua maioria, sempre no atacado e nas primeiras horas da manhã para evitar à fiscalização, pois as mesmas não são credenciadas no Mercado Municipal e, por isso, não pagam impostos, negociando irregularmente.

É importante considerar que além do aumento do número de plantas e da produção, o consumo cresceu significativamente nos últimos anos, embora o cenário atual de forte pressão que ameaça os recursos provenientes da expansão imobiliária e turismo, tenda a inverter esse processo. Alguns fatores podem ter motivado para o crescimento do consumo, dentre eles, a disponibilidade da fruta, o aumento da comercialização e a descoberta de uma nova opção. Mas o que assume grande relevância é a aceitabilidade da mesma, sem muito “marketing” nutricional a exemplo de outras frutas, pelo mercado consumidor.

Referências bibliográficas

- CAVALCANTI, J.S.B. Globalização e processos sociais na fruticultura de exportação do Vale do São Francisco. In: CAVALCANTI, J.S.B. (Org.). **Globalização, trabalho, meio ambiente: mudanças socioeconômicas em regiões frutícolas para exportação**. Recife: Editora Universitária/UFPE, 1999, p. 123-170.
- CASTRO, E. Território, biodiversidade e saberes de populações tradicionais. In: **Faces do trópico Úmido: conceitos e questões sobre desenvolvimento e meio-ambiente**. CASTRO, E.; PINTON, F. (orgs.). Belém: Cejup, 1997, p. 263- 283.
- DRUMMOND, J. A. Natureza rica, povos pobres? – Questões conceituais e analíticas sobre o papel dos recursos naturais da prosperidade contemporânea. **Ambiente & Sociedade**, Campinas, n.10, p. 45-68, jan./ jun. 2002.
- MOTA, D. M. da. **Trabalho e sociabilidade em espaços rurais**. Fortaleza: Banco do Nordeste do Brasil; Embrapa Tabuleiros Costeiros, 2005. 256p.
- MOTA, D. M. da.; SANTOS, J. V. dos. Populações tradicionais e conservação dos remanescentes de mangabeira na Barra dos Coqueiros/Sergipe. In: III Congresso Brasileiro de Agroecologia, 3., 2005. Florianópolis. **Anais...** Florianópolis: UFSC, 2005.
- MOTA, D. M. da.; SCHMITZ, H.; SILVA JÚNIOR, J. F. da. **Atores, canais de comercialização e consumo da mangaba no Nordeste Brasileiro**. Belém, 2006. (Texto mimeografado).

⁴ Essa citação se deve ao fato de que essas populações extrativistas são vulneráveis a ação de grupos externos e que estão constantemente ameaçadas de perda de acesso aos recursos de uso comum que garantem parte de sua sobrevivência.



VIII CONGRESSO DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE SISTEMAS DE
PRODUÇÃO

Agricultura Familiar: Crise Alimentar e Mudanças Climáticas Globais

MOTA, D. M. da.; SILVA JÚNIOR, J. F. da. Populações Tradicionais e Formas Coletivas de Gestão das áreas de ocorrência natural de mangabeira. **Raízes**: Revista de Ciências sociais e econômicas, Campina Grande, v.22, n.2, p.225-233, jul./dez. 2003.

SANTOS, J. V. dos & MOTA, D. M. da. Uso e conservação dos remanescentes de mangabeira por populações tradicionais. In: XLIV Congresso Brasileiro da Sociedade Brasileira de Economia e Sociologia Rural, 46., 2006. Fortaleza. **Anais ...** Fortaleza: UNIFOR, 2006. (CD-ROM)